

TRABALHADORES INVISÍVEIS: Um Retrato Social de Alto Araguaia¹

Ronaldo Divino BORGES²
Lawrenberg Advíncula da SILVA³
Universidade do Estado de Mato Grosso, Alto Araguaia, MT

Resumo

Inspirado no conceito de grupo urbano marginalizado de Beltrão (1980) e na experiência vivida pelo psicólogo social Fernando Braga da Costa, que travestiu-se de gari por mais de oito anos na universidade que estudava (USP), o trabalho intitulado *Trabalhadores invisíveis* trata de uma incursão fotoetnográfica na rotina dos garis de Alto Araguaia, cidade situada no interior de Mato Grosso. Estes personagens passam despercebidos diante das lentes da mídia tradicional e convencional, tal como, por pedestres que circulam pelas ruas e demais lugares públicos. E o seu registro se dá por meio do ensaio fotográfico artístico, caracterizada pela liberdade temática e de abordagem fotográfica. O trabalho constitui parte de um projeto experimental em Comunicação, desenvolvido no curso de Jornalismo da Unemat, enquanto Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Palavras-chave: Antropologia; Ensaio Fotográfico Artístico; Mídia; Trabalhador Invisível; Gari.

Um debate inicial

No Brasil, o mercado de trabalho acaba sendo mais um lugar-comum da reprodução de mazelas sociais históricas, entre elas, as que envolve a superestimação de algumas categorias profissionais em detrimento das outras. Trata-se de um problema estrutural que, em tempos de modernização das relações socioeconômicas, determina novas formas de exclusão no espaço urbano, principalmente para aqueles profissionais que não detêm uma especialização ou mesmo uma formação em ensino superior. Essas formas de exclusão atingem diretamente profissões velhas e que exploram a mão-de-obra braçal, tornando-as invisíveis. E, no presente trabalho, vamos explorar uma dessas profissões, a de gari, a partir da exploração fotoetnográfica, caracterizada por uma imersão de campo com base em registros visuais.

Todos os anos na data de 16 de maio é comemorado o dia do gari. No entanto, eles são lembrados somente uma vez ao ano, e o restante torna-se um desconhecido e invisível

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Ensaio Fotográfico Artístico, modalidade Produção Transdisciplinar.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do curso Jornalismo, email: ronaldotga2009@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, email: lawrenberg@gmail.com.

na sociedade. No imaginário popular, até sem muita dificuldade é possível identificar o estigma de rejeição aos profissionais garis, lembrados caricatamente pela figura da vassoura e o uniforme laranja. Enquanto na mídia em geral, a representação do gari oscila entre o burlesco e o alegórico, assumindo feições mais criminalizadas do que elogiosas, isto quando não é constantemente negligenciado da agenda de telejornais e das capas de jornal. Lamentavelmente o registro mais comum é nos cadernos “cidades” e “policial”, com abordagens clichês e quase ausente de falas; o que difere do jornalismo popular de ênfase às fontes não-oficiais apontado pela professora Márcia Franz Amaral (2006).

Vale registrar o caso do âncora e comentarista Boris Casoy, do Jornal da Band (TV Bandeirantes), que no final de uma reportagem especial em 31/12/2009, cruelmente ridicularizou dois garis em rede nacional. Sem saber que o áudio estava ligado, o jornalista disse: **“Que merda! Dois lixeiros desejando felicidades do alto das suas vassouras. O mais baixo na escala do trabalho”**.

Dessa forma, fica claro que o jornalista age de modo preconceituoso a toda classe dos garis, com o comentário desagradável. O tom irônico não só ofende os garis, como também rebaixa o trabalho do profissional, descreditando o seu valor na sociedade.

Nas poucas vezes que a alusão é positiva, os garis ganham destaque na grande mídia em oportunidades que elas querem se promover como ferramentas de inclusão social. Como foi o caso do gari Renato Luiz Feliciano Lourenço, mais conhecido Renato sorriso, que estampou várias páginas de jornal no ano de 2009 (Jornal O Globo, portal Uol, et), ao desfilar no carnaval carioca pela escola de samba Portela. Com samba no pé, recebeu muitos aplausos do público que assistiam ao desfile. É perceptível que a mídia brasileira é tendenciosa, e só reconhece os grupos marginalizados em ocasiões que tragam vantagem ao veículo de comunicação.

Na definição do pesquisador Luiz Beltrão (1980), estes garis são compreendidos como grupos urbanos marginalizados, que se caracterizam: pela formação de indivíduos que ganham baixos salários, em atividades que não exige uma mão-de-obra especializada. Ou seja, um conceito atrelado a atividades subalternas, geralmente exercidas por indivíduos de baixo poder aquisitivo. Como, por exemplo: construção civil, limpeza, trabalhos domésticos, menores sem ocupação, lavadores de carro, vendedores ambulantes, atendentes de bar, etc.

Estes indivíduos geralmente moram em condições incipientes de habitação, em construções de baixo custo e situadas em áreas periféricas da cidade. A precariedade desta habitação gera enfermidades e dificulta o próprio acesso aos principais serviços públicos. Conforme Beltrão (1980, p.56), são residências com geralmente um só cômodo e:

Construindo-se um prolongamento (puxado) para o fogão e o ‘quartinho’, em que se banham e atendem às suas necessidades fisiológicas. A água para beber e para a serventia vem às vezes de chafarizes públicos e, de outras, de poços cavados pelos próprios moradores, sem qualquer tratamento, diariamente recolhidos em latas de querosene pelas mulheres.

Mas é na pesquisa desenvolvida por Fernando Braga da Costa que a compreensão dos garis e de sua relação com a invisibilidade pública adquirem maior ressonância teórica. Durante as pesquisas de sua tese de doutorado, o psicólogo travestiu do profissional uniformizado por 8 anos, mostrando como é a vida social de uma pessoa considerada invisível tanto pela população, quanto na mídia. Conforme Costa (2005), o profissional que varre rua, recolhe lixo e corta grama, passa diariamente pelo processo de invisibilidade pública, com efeitos que colocam em situação às margens da subalternidade.

A partir da imersão etnográfica, o ensaio fotográfico intitulado “*Trabalhadores Invisíveis*” faz um retrato social dos garis em Alto Araguaia, cidade de 17.168 mil habitantes (IBGE, 2014) e interior de Mato Grosso, ao considerar a capacidade de subjetivação e crítica social da fotografia artística, bem como, destacar a importância da imersão etnográfica nos processos de coleta e apuração de histórias. O desafio é fazer uma leitura contrafactual e humanizada do ambiente cotidiano de garis no contexto de lugares semirurais do Brasil, motivado pela palpitação sobrenatural de fotógrafos como Sebastião Salgado e o cuiabano Lucas Nino.

A experiência parte da assunção do papel do fotografado, num movimento de inversão de protagonismos e atuações durante o registro fotográfico. Assim o interesse é reproduzir a percepção social de garis, tendo a fotografia como instrumento de crítica e denúncia social. Do mesmo modo, a fotografia pode ser reconhecida como um documento testemunhal da realidade presente. (KOSSOY, 2001).

Trabalhadores invisíveis é, na verdade, uma “outra narrativa” sobre segmentos historicamente marginalizados, execrados da memória social de boa parte das cidades brasileiras, então urbanizadas pela lógica excludente dos hiatos entre periferia e centro, entre ocupados e desocupados, ou turistas e vagabundos (BAUMAN, 2001).

Em linhas gerais, o registro fotográfico traz a tona uma realidade dos garis de Alto Araguaia que desafia os estereótipos e clichês, ao delinear faces, trejeitos e singularidades pela fotografia perfil e em ângulos fechados.

Objetivo do ensaio fotográfico

O ensaio fotográfico artístico busca dar visibilidade aos garis de Alto Araguaia-MT, pelo trabalho realizado nos espaços urbanos, na qual é pouco percebido e reconhecido pela população e mídia. Do mesmo modo, sofre na sua rotina diária o preconceito na profissão, e torna um ser invisível na sociedade.

Por que fazer um ensaio fotográfico com garis em Alto Araguaia?

Na experiência na pele de um gari, o psicólogo Fernando Braga da Costa descobriu na sua pesquisa e nos relatos ouvidos nela que os garis é uma das categorias profissionais mais excluídas da sociedade brasileira. Desde a sua origem, a profissão nunca gozou do mesmo prestígio que as chamadas profissões autônomas. A constatação reflete numa crítica capciosa aos modelos de sociedades ocidentais sob influência do neoliberalismo econômico e capitalismo informacional e tardio. Bem como sugere um processo de obsolescência de algumas categorias profissionais frente a supervalorização de funções ligadas ao uso das novas tecnologias de informação.

Além disso, a falta de escolaridade contribui para associar o lugar ocupado pelos garis à uma condição de margem e/ou de subalternidade, visto pela maioria da população como subalternos, taxados e considerados como invisíveis nos espaços urbanos, onde exercem o seu trabalho diariamente.

Assim a invisibilidade social parte da indiferença e do preconceito, que atinge os integrantes situados às margens da sociedade. E tornam se seres invisíveis, por falta de identidade social, nas relações entre os indivíduos da sociedade contemporâneas. (PORTO, 2006, p3.).

Discutir a profissão do gari na cidade de Alto Araguaia-MT, através do ensaio fotográfico, é dar a oportunidade de reconhecimento a esse profissional, logo pouco percebido pela mídia local, assim constituída por uma afiliada de TV da rede Record (TV Integração), duas rádios FM (rádio Aurora FM e Cidade), além de dois sites noticiosos

(André da FM e SérgioLopesNews). O ensaio em si promove um processo de desconstrução da condição de invisibilidade pública a que muitos segmentos são impelidos. Isto porque:

A invisibilidade pública é a condição não natural a quem um homem pode ser submetido, na qual forma-se entre “cegos superiores” e “subalternos invisíveis”, representado pela obliteração na comunicação com cidadãos rebaixados, e ignorado por alguém. (COSTA, 2008)

Sob o retrato social do gari, evidencia-se a figura de um profissional uniformizado pouco senão nunca reconhecido no ambiente urbano e familiar. Trata-se de uma forma manifestada de preconceito que migra da sociedade para o ambiente da família, cristalizando-se em traumas profundas em relação a autoestima e aceitação.

Nas ruas, nas praças e avenidas, o que se nota é um desprezo simbólico por parte de transeuntes e condutores de veículos. É um comportamento de cegueira social e indiferença, responsável por dilatar cada vez mais a condição histórica de exclusão social. Sobre este aspecto, Costa (2008, p.156) afirma:

Assim o sujeito cego comporta-se como ignorado e indiferente, que passa neutro pelos garis, como quem passa por um objeto ou obstáculo, resistindo aos poderes da presença de outro humano quando se trata de um outro abaixo: E incorre em negação automática ou arrogante da humanidade dos pobres.

Ao mesmo tempo, nesses mesmos espaços de produção de exclusão social é possível fazer um trajeto contrário, instrumentalizando e tensionando o que a linguagem fotográfica possui de mais subversiva. Podemos dizer que, muito além de estruturas impostas na espacialidade urbana, a experiência contemporânea ligado às práticas midiáticas constituem interfaces de emancipação e reinvenção social, logo identificado no potencial de câmeras de celular de ressignificar papéis historicamente construídos.

Por uma perspectiva mais contra-hegemônica de experiência urbana mediada pela linguagem fotográfica, é pertinente citar uma colocação da professora pernambucana Angela Prysthom (2006, p.20):

Nos espaços urbanos, onde encontram os invisíveis é constituído de “uma cultura que agregam valores e identidade cultural. Em alguns casos apresentam uma diversidade cultural, encontrada em espaços públicos das

inversas cidades,” que por outro lado usa estes locais com ambiente de trabalho e integração entre eles. (PRYSTHON, 2006, p.20)

Ainda sobre este olhar contra-hegemonico de experiência midiática, Beltrão (1980) identifica quem seria os maiores beneficiados: os grupos marginalizados. Eles, dentro da teoria da folkcomunicação e ao se apropriarem destes meios alternativos de comunicação (celulares e smartphones com câmeras), realizam um processo de intercambio de informação e manifestação de opiniões e ideias, dos grupos de massa, que ocupa os espaços urbanos para se comunicar entre eles.

Os métodos e técnicas utilizados no ensaio fotográfico

A proposta do ensaio fotográfico buscou evidenciar a figura dos garis de Alto Araguaia-MT, de modo que identificasse e valorizasse a sua rotina de trabalho nas ruas e vias públicas. O ensaio faz parte de um projeto do trabalho de conclusão de curso (TCC), que visa contar a história de personagens anônimos, que são tratados como invisíveis pela população local e a mídia.

Inicialmente o ensaio aconteceu no mês de setembro de 2014. Mas, antes disso, houve uma seção fotográfica para fins de reconhecimento e estabelecimento de contato inicial com os fotografados. Foram feitas incursões etnográficas durante as duas primeiras semanas, tendo por referencial teórico as discussões dos antropólogos Clifford Geertz – obra *Interpretação das culturas* – 2008, e Bronislaw Malinowski – *Os argonautas do pacífico Ocidental* – 1976. Por meio da observação e acompanhamento nas atividades do profissional, pudemos notar particularidades nas interações sociais entre os garis e deles com a sociedade.

O trabalho fotográfico rendeu ao todo mais de 50 fotos, privilegiando imagens fotografadas em plano geral e médio, tudo para identificar o ambiente e os objetos de trabalho dos garis, como por exemplo, a vassoura, o rastelo, etc.

Na experimentação com as novas tecnologias móveis, as imagens foram registradas por uma câmera de celular Smartphone modelo L7 P716. Todas as fotos foram tiradas no período do dia, com o objetivo de registrar a rotina dos garis.

Como fins conclusivos, foi desenvolvido um relatório contando a experiência de pessoas que tem vergonha de pegar uma vassoura, ou recolher lixo.

O ensaio fotográfico **Trabalhadores Invisíveis**

O ensaio foi dividido em duas partes. A primeira intitulada **Os Invisíveis** e a segunda, **Os Visíveis**, sob o intuito de transmitir um processo de inversão de valores e protagonismos. Trata-se de um movimento de olhar social, tendo como interface a câmera fotográfica.

PARTE I: OS INVISÍVEIS

Primeiramente o ensaio fotográfico foi realizado nas imediações da avenida Carlos Hugueney, a mais movimentada da cidade, onde se privilegiou uma sessão de fotos com ênfase nos planos gerais e conjuntos. O objetivo era registrar os profissionais garis em seu contexto cotidiano, e isto abrange: o trabalhador, seus instrumentos de trabalho (a vassoura, a pá, o rastelo e o carrinho de mão) e o ambiente (a avenida, a rua, o canteiro, a praça).

Optou-se pelo monocromático nesta parte do ensaio para retratar o aspecto de impessoalidade, abandono e opressão. E em todas essas imagens, houve a intenção de capturar o espontâneo dos trabalhadores: 1) explorando ângulos e enquadramentos que evidenciassem a interação social deles com outros colegas de trabalho e gente da cidade; mas, sobretudo, 2) destacando aspectos ligados à exclusão social e ao sentimento de invisibilidade pública, as quais muitos profissionais são submetidos e, na maioria dos casos, reagem aceitando como um mantra. Nas imagens da parte **Os invisíveis**, vê-se profissionais cabisbaixos, impessoalizados, senão nitidamente coagidos por uma força invisível. Em todo momento, notou-se uma recusa de olhar às nossas lentes, ora disfarçado em chapéus grandes, ora percebido em panos e lenços nos rostos, como se tivessem vergonha de exercer a função.

Foto: Ronaldo Borges



Fig. 1: Trabalhadores sem rostos.

Foto: Ronaldo Borges



Fig.2: A recusa de encarar as lentes como aspecto característico de opressão..

PARTE II: Os Visíveis

Diferentemente do preto-e-branco das imagens da parte I – Os invisíveis, a segunda parte explora o colorido de profissionais com rostos e protagonistas de suas histórias. Visa-se legitimar o outro lado desses profissionais da rua. Privilegia-se enquadramentos e planos que enfatizam o aspecto humano, que pessoalizam esses personagens e, conseqüentemente, trata-se de uma intervenção política a qualquer manifestação de opressão.

Em planos conjuntos e americanos, vê-se rostos felizes, determinados e desprendidos, ao passo de não sentirem-se intimidados pelas lentes das câmeras. Registra-se personagens nomes e interessados em divulgar suas biografias de vida. Diríamos que se trata de uma etapa da incursão fotoetnográfica onde os entrevistados-fotografados absorvem o entrevistador-fotografo em sua rotina, como se ele se tornasse um deles. Nos trabalhos do antropólogo Malinowski, esta etapa é vista como ponto de convivência ideal para uma boa imersão etnográfica.



Foto: Ronaldo Borges

Fig. 3: Trabalhadores com rostos, alegres e protagonistas.



Fig. 4 Foto: Ronaldo Borges



Fig.5 Foto: Ronaldo Borges

CONSIDERAÇÕES

Nesta incursão fotoetnográfica buscamos retratar os dois lados de um mesmo cotidiano, a partir do registro de garis em fotografias impessoalizadas e carregadas de invisibilidade social, e em fotografias pessoalizadas, marcadas de personalidade. A ideia é desconstruir o discurso estereotipado que é produzido pela sociedade sobre a classe profissional, e promover uma reinvenção de postura dos próprios profissionais que, de certa forma, acabam aceitando estes estigmas sociais.

O ensaio fotográfico foi realizado no mês de setembro de 2014 e registrou grupos de garis em diversas partes da cidade, desde canteiros, praças a avenidas. Assim, sentindo na pele, notamos que a invisibilidade pública afeta mais as pessoas das classes oprimidas, mostrando que a antiga relação entre Casa-Grande e Senzala ainda não acabou. Pelo contrário, podemos dizer que desigualdades seculares somente cristalizaram sob a forma de novas práticas de opressão e subserviência.

Por esse viés, pode-se concluir que **Trabalhadores Invisíveis** faz uma crítica e oposição direta aos mecanismos de legitimação social, dos quais, ao longo dos séculos, sempre penderam para o lado da classe burguesa. Entre esses mecanismos, talvez a mídia e jornalismo encontrem maior relevância, não somente pela questão do alcance, mas, sobretudo, pelo fascínio e a credibilidade que ainda exercem na população.

Referências

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANDRADE, R. de, **Fotografia e Antropologia: Olhares Fora-Dentro**, São Paulo: Estação

BARTHES, Roland. **O Obvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: contemporâneas. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006. v. 1. 280p
Cortez, 1980.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis: Relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Editora Globo, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** - 1.ed., 13.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.323p.

JOLY, Martine. **Imagem e a sua interpretação.** Lisboa: Edições 70, 2003.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
Liberdade, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental:** Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p.

PORTO, Juliana. **Invisibilidade social e a cultura do consumo.** In PUC RIO. Departamento de Artes e Design – 2006.

PRYSTHON, Â. F. (Org.). **Imagens da Cidade.** Espaços urbanos na comunicação e cultura

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo:** Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.